

## voltairine de cleyre: escrito em vermelho<sup>1</sup>

*emma goldman*

*Mantenha-se no alto, oh chama rugindo!  
No alto em direção ao céu, onde todos possam ver.  
Escravos do mundo! Nossa causa é a mesma;  
uma é a imemorable vergonha; outra, a luta, e em uma palavra –  
Humanidade – batalhamos para liberá-la.*  
Voltairine de Cleyre

A primeira vez que a vi – a mulher anarquista mais talentosa e brilhante que a América do Norte produzira – foi na Filadélfia, em agosto de 1893. Eu tinha ido a essa cidade para falar aos desempregados durante a grande crise daquele ano e estava ansiosa para visitar Voltairine, de cuja capacidade excepcional como conferencista eu tinha ouvido falar quando estive em Nova York. Encontrei-a doente, na cama, com gelo na cabeça, o rosto marcado pela dor. Soube que isso lhe acontecia sempre; depois de cada aparição pública ela ficava em repouso por dias, em constante agonia devido a alguma doença no sistema nervoso que se desenvolvera na primeira infância e piorava ao longo dos anos. Não fiquei muito tempo nesta primeira visita devido ao evidente sofrimento da minha anfitriã, ainda que ela tratasse, valentemente, de esconder sua dor de mim. Mas o destino prega peças estranhas. Na

tarde deste mesmo dia, Voltairine de Cleyre foi convocada a arrastar seu corpo frágil e em sofrimento até uma sala abarrotada e sufocante para falar em meu lugar. A pedido das autoridades de Nova York, os protetores da lei e da ordem na Filadélfia me capturaram quando eu estava prestes a entrar no salão, e me levaram ao posto policial da Cidade do “Amor Fraterno”<sup>2</sup>.

A segunda vez que a vi, eu estava na Penitenciária da Ilha de Blackwell. Ela viera a Nova York para pronunciar seu discurso magistral, *In Defense of Emma Goldman e liberdade de expressão*<sup>3</sup>, e me visitou na cadeia. Desde então e até o seu fim, nossas vidas e nossos trabalhos se encontraram, às vezes harmoniosamente, às vezes distanciados, mas aos meus olhos, Voltairine sempre se destacou como uma personalidade contundente, uma mente brilhante, uma idealista fervorosa, uma lutadora inquebrável, camarada devota e leal. Mas sua característica mais forte era sua extraordinária capacidade em vencer a fragilidade física, um traço que ganhou o respeito inclusive de seus inimigos, e o amor e a admiração de seus amigos. Uma chave desse poder em um corpo tão frágil se encontra em seu ensaio iluminado, *A ideia dominante*<sup>4</sup>:

“Tudo o que vive, quando se olha com atenção, limita-se à linha da sombra de uma ideia – uma ideia, morta ou viva –, que às vezes é mais forte quando está morta, com linhas rígidas e inquebráveis que marcam a encarnação viva com a austera e imóvel casta dos não-vivos. Diariamente nos movemos entre essas sombras inflexíveis, menos permeáveis, mais duráveis que granito, marcadas com a obscuridade das idades, dominando corpos vivos e mutáveis, com almas mortas e imutáveis. E também encontramos as almas viventes que dominam

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

os corpos moribundos – as ideias vivas que reinam sobre a decadência e a morte. Não imagine que falo somente da vida humana. A marca da Vontade, persistente ou em mutação, é visível na folha de capim arraigada em seu pedaço de terra, como na teia de aranha de um ser que flutua e nada sobre as nossas cabeças, no mundo livre do ar”.

Como uma ilustração da Vontade persistente, Voltairine relata a história da trepadeira *glória-da-manhã* que sobe pela janela do seu quarto:

“(...) a cada dia, voam e se encrespam com o vento, suas caras brancas, com listras púrpuras, piscando para o sol, radiante vida trepadeira. Então, de repente, aconteceu uma desgraça: alguma lagarta ou alguma criança travessa arrancou a parte de baixo de um tronco, do mais bonito e promissor, é claro. Em poucas horas, as folhas se penduravam frouxas, o talo flácido murchava e começava a acabar, em um dia, tudo estava morto, exceto a parte superior, que ainda se agarrava com nostalgia ao seu suporte, com a copa brilhante levantada. Chorei um pouco pelos botões que não se abririam e me compadeci com esta planta orgulhosa, cujo trabalho no mundo havia se perdido. Porém, na noite seguinte houve uma tormenta, uma tormenta forte, com chuva torrencial e clarões de relâmpagos. Levantei-me para observar o resplendor, e eis a maravilha do mundo! Na obscuridade da meia-noite, na fúria do vento e da chuva, a trepadeira morta havia florescido. Cinco flores brancas, com cara de lua, agitavam-se em torno do esqueleto vegetal, brilhando triunfantes antes de um relâmpago coruscante... E a cada dia, por três dias, a videira morta floresceu; inclusive, uma semana depois, quando cada folha estava seca e marrom...

um último botão, nanico, débil, uma flor muito pequena, mas ainda branca e delicada, com cinco manchas púrpuras, como as da parra viva ao lado, abriu-se e agitou-se em direção às estrelas, e esperou o sol da alvorada. Sobre a morte e a decadência, a Ideia Dominante sorriu; a videira estava no mundo para florescer, para sustentar as brancas flores-trombeta, manchadas de púrpura; manteve sua vontade mais além da morte”.

A Ideia Dominante foi o *leitmotiv* de Voltairine de Cleyre ao longo de sua notável vida. Apesar de ter sido constantemente acoçada pela má saúde, que mantinha seu corpo em cativeiro e que, no final, a matou, a Ideia Dominante a estimulou a realizar esforços intelectuais cada vez maiores, elevando-a às alturas supremas de um ideal inspirado, e forçou sua Vontade a superar cada desvantagem e obstáculo em sua torturada vida. Uma ou outra vez, em dias atrozes de tormentos físicos, em períodos de desespero e dúvida espiritual, a Ideia Dominante dava asas ao espírito dessa mulher, asas para elevar-se sobre o imediato, contemplar uma visão radiante da humanidade e dedicar-se a isso com todo o fervor de sua intensa alma. Podemos vislumbrar em seus escritos, o sofrimento e a desdita que foram seus durante toda a sua vida, particularmente em sua inquietante história, *As dores do corpo*<sup>5</sup>:

“Nunca quis nada mais do que têm as criaturas selvagens, uma rajada ampla de ar limpo, um dia para se deitar na grama sem nada para fazer além de deslizar meus dedos entre as folhas e olhar, sempre que me apeteça, a abóboda azul e a trama de verde e branco; deixar-me flutuar e flutuar durante um mês ao passar das ondas salgadas e entre a espuma, ou rodar com a minha pele nua

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

sobre a areia limpa, extensa e ensolarada; comer o que eu gosto, diretamente da terra fresca, com tempo para provar sua doçura e para descansar depois; dormir quando chegar o sono e a quietude, que o sono me abandone quando deve e não antes disso... Isso é o que eu queria, – isso, e o contato livre com meus companheiros –... não amar e mentir e sentir vergonha, mas sim amar e dizer que amo, e me alegrar disso; para sentir que me inundam as correntes de dez mil anos de paixão, corpo a corpo, como fazem as coisas selvagens. Não pedi nada mais.

Mas isso não foi aceito. Sentada sobre mim está essa tirana implacável, a Alma; não sou nada. Levou-me à cidade, onde o ar é febre e fogo, e me disse: ‘respire isso’; aprendi. Não posso aprender nos campos vazios; os templos estão aqui, ‘fique’. E quando meus pulmões pobres e asfixiados ofegavam até parecer que meu peito explodiria, a alma disse, ‘então te concederei uma hora ou duas, passearemos, levarei meu livro e lerei enquanto isso’.

E quando meus olhos choraram lágrimas de dor pela breve visão da liberdade que se afasta, só para sair e buscar o amplo verde e azul por uma hora, depois do prolongado e entediante vermelho pálido das paredes, a alma disse: ‘Não posso perder tempo; devo saber! Ler’. E quando meus olhos imploraram pelo canto dos grilos e da música da noite, a alma respondeu: ‘Não, se prestar atenção, os tilintares, os assobios e gritos são incômodos; então, eduque-se a escutar a voz espiritual, nada mais importará...’

Quando olhei para a minha espécie e desejei abraçá-la, selvagememente, com fome de pegá-la com meus braços e lábios, a alma me ordenou severamente: ‘Pare, criatura vil

de desejos carnavais! Eterna reprovação! Me envergonharás com tua bestialidade?’

E eu sempre cedi, muda, sem alegria, acorrentada, eu trilhei pelo mundo da escolha da alma... Agora estou quebrada antes do tempo, exangue, insone, ofegante, meio cega, atormentada em cada articulação, tremendo com uma folha”.

No entanto, ainda que atormentada e arruinada, sua vida vazia da música, da glória do céu e do sol, e seu corpo se rebelando a cada dia contra a senhora tirânica, foi a alma de Voltairine que venceu: a Ideia Dominante deu-lhe forças para seguir até o fim.

Voltairine de Cleyre nasceu em 17 de novembro de 1866, na cidade de Leslie, em Michigan. Por parte de pai, seus antepassados eram franco-americanos, e por parte de mãe, eram puritanos. Chegou às tendências revolucionárias por herança; tanto seu avô quanto seu pai foram imbuídos pelas ideias da Revolução de 1848. Porém, enquanto seu avô seguia fiel às influências iniciais, inclusive em seus últimos dias, ajudando a rede secreta de apoio aos escravos fugitivos<sup>6</sup>; seu pai, Augusto de Cleyre, que havia se iniciado como um livre pensador e comunista, posteriormente, voltou-se ao rebanho da Igreja Católica e se converteu em um devoto como o mesmo fervor e paixão a isso quanto fora contrário em seus dias de juventude. Tão grande tinha sido seu entusiasmo pelo livre pensamento que, no nascimento de sua filha, chamou-a de Voltairine, em homenagem ao referenciado Voltaire. Porém, quando se retratou, ficou obcecado com a ideia de que sua filha deveria ser freira. Um fator que também contribuiu foi a pobreza dos Cleyre, por isso os primeiros anos da pequena

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

Voltairine não foram nada felizes. No entanto, inclusive em sua infância, ela demonstrava pouca preocupação com as coisas externas, absorva quase completamente em suas próprias fantasias. Fascinava-lhe a escola e, quando a admissão lhe foi negada devido à sua extrema juventude, chorou lágrimas amargas.

Todavia, logo seguiu seu caminho e aos doze anos se graduou na escola secundária com honrarias e, muito provavelmente, teria superado a maioria das mulheres de seu tempo em erudição e aprendizagem, se não tivesse chegado a primeira grande tragédia de sua vida, uma tragédia que rompeu seu corpo e deixou uma cicatriz duradora em sua alma. Enfiaram-na em um convento, totalmente contra a vontade de sua mãe que, como membro da Igreja Presbiteriana, lutou – em vão – contra a decisão de seu marido. No Convento de Nossa Senhora do Lago Huron, em Sarnia, Ontario, Canadá, começou o calvário de quatro anos que a faria, no futuro, se rebelar contra a superstição religiosa. Em seu ensaio, *The Making of an Anarchist* (1903), ela descreveu vividamente o terrível calvário desses anos:

“Como me compadeço de mim mesma agora, quando me lembro, pobre alma solitária, lutando sozinha na obscuridade da superstição religiosa, incapaz de crer, mas, no entanto, tremendo a cada instante a condenação quente, selvagem e eterna, caso não professasse e me confessasse; bem me lembro da energia amarga com que recusei minha professora repugnante quando ela me jogou a culpa por algo e eu lhe disse que não queria me desculpar porque não via em que tinha errado e que não sentira minhas palavras. ‘Não é necessário — ela disse — que devamos sentir o que dizemos, porém sempre é necessário obedecer

aos nossos superiores’. ‘Não vou mentir’, — respondi — quente e tremendo ao mesmo tempo, pelo que a minha desobediência me condenou finalmente ao tormento... foi como o Vale das Sombras da Morte e há cicatrizes brancas em minha alma, onde a ignorância e a superstição me queimaram com o fogo do inferno nesses dias sufocantes. Sou blasfema? São as palavras deles, não as minhas. Ao lado dessa batalha de meus dias de juventude, todos os outros foram fáceis, porque, independente do exterior, em meu interior, minha Vontade era suprema”.

Nunca devia lealdade e nunca deverá; avançou constantemente em uma direção, o conhecimento e a afirmação de sua própria liberdade, assumindo toda responsabilidade sobre ela. Sua resistência chegou a um termo, e Voltairine tentou escapar do lugar odioso. Cruzou o rio até Port Huron e caminhou dezessete quilômetros, mas sua casa estava ainda mais distante. Faminta e esgotada, retornou e buscou refúgio na casa de conhecidos da família. Eles chamaram o seu pai, que levou a menina de volta ao convento.

Voltairine nunca falou sobre a penitência que lhe impuseram, mas deve ter sido dilaceradora porque, como resultado de sua vida monástica, sua saúde se deteriorou completamente quando ela mal chegou aos dezesseis anos. No entanto, permaneceu na escola do convento até terminar seus estudos: a autodisciplina rígida e a perseverança, que com tanta força caracterizavam sua personalidade, já se destacavam em sua infância. Mas quando finalmente se graduou em sua pavorosa prisão, estava mudada não só fisicamente, mas também espiritualmente. “Lutei para sair finalmente,” — escreveu — “era uma livre pensadora quando deixei a instituição, ainda que nunca tivesse visto

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

um livro nem ouvido uma palavra que me ajudasse em minha solidão”.

Uma vez fora de seu túmulo em vida, enterrou seu falso deus. Em seu belo poema, *O enterro de minha vida passada*<sup>7</sup>, canta:

“E agora, Humanidade, volto a ti;

Consagro a minha entrega ao mundo!

Perce o velho amor, o novo é bem-vindo.

Amplo como as passagens espaciais por onde giram as estrelas!”

Dedicou-se avidamente ao estudo da literatura do pensamento livre. Sua mente alerta absorvia tudo com facilidade. Logo se uniu ao movimento laico e se converteu em uma de suas figuras de destaque. Suas conferências, sempre preparadas cuidadosamente (Voltairine desprezava o discurso improvisado), eram ricamente adornadas com um pensamento original e eram brilhantes em forma e apresentação. Seu discurso sobre Thomas Paine, por exemplo, superou a tentativa semelhante de Robert Ingersoll em toda a sua oratória florida.

Durante uma convenção comemorativa de Paine, em alguma cidade da Pensylvania, Voltairine de Cleyre teve a oportunidade de ouvir Clarence Darrow falar sobre o socialismo. Era a primeira vez que lhe mostravam o aspecto econômico da vida e o sistema socialista de uma sociedade futura. Claro que, por experiência própria, ela sabia haver injustiça no mundo. Mas ali estava alguém que podia analisar de forma magistral as causas da escravidão econômica, com todos os seus efeitos degradantes sobre as massas, e mais, era alguém que também podia

delinear claramente um plano preciso de reconstrução. A conferência de Darrow foi como um maná para a jovem espiritualmente famélica. “Corri para a conferência” — escreveu mais tarde — “como quem estava rodando na obscuridade e corre em direção à luz; sorrio agora da rapidez com que adotei o rótulo de ‘socialismo’ e quão rápido o descartei”.

Descartou-o, pois, deu-se conta do pouco que conhecia sobre as fundamentações históricas e econômicas do socialismo. Sua integridade intelectual levou-a a deixar de dar conferências sobre este tema e a começar a se aprofundar nos mistérios da sociologia e da economia política. Todavia, como o estudo sério do socialismo leva inevitavelmente às ideias mais avançadas do anarquismo, seu amor nato pela liberdade não podia se conciliar às noções do socialismo dominado pelo Estado. Neste momento, escreveu haver descoberto que “a liberdade não é a filha, mas a mãe da ordem”.

Durante vários anos acreditou ter encontrado uma resposta à sua busca pela liberdade na perspectiva anarco-individualista apresentada pela publicação de Benjamin Tucker, *Liberty*; pelas obras de Proudhon, de Herbert Spencer e de outros pensadores sociais. Mas depois, abandonou todos os rótulos econômicos, chamando-se simplesmente de anarquista, porque sentia que “apenas a liberdade e a experiência podem determinar as melhores formas econômicas para a sociedade”.

Seu primeiro impulso em direção ao anarquismo foi despertado pelo trágico evento de Chicago, em 11 de novembro de 1887<sup>8</sup>. Ao enviar os anarquistas para a forca, o estado de Illinois, estupidamente se vangloriou de ter

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

matado também o ideal pelo qual esses homens morreram. Que erro insensato, repetido constantemente pelos que se sentam no trono dos poderosos! Os corpos de Parsons, Spies, Fisher, Engel e Lingg<sup>9</sup> mal tinha esfriado, quando já nascia uma nova vida para proclamar seus ideais.

Voltairine, como a maioria dos norte-americanos, envenenada pela perversão dos fatos pela imprensa, de início, uniu-se ao grito de: “Deveriam enforcá-los!”. Mas a sua mente era questionadora, não do tipo que se contenta com as meras aparências superficiais. Logo chegou a lamentar sua precipitação. Em seu primeiro discurso, na ocasião do aniversário de 11 de novembro de 1887, Voltairine, sempre escrupulosamente honesta consigo mesma, declarou em público o quão profundamente lamentava ter-se unido ao grito de: “Deveriam enforcá-los!”. Coisa que, vindo de alguém que já não acreditava na pena de morte, parecia duplamente cruel.

“Nunca me perdoarei por essa sentença ignorante, ultrajante e sedenta de sangue — disse —, embora saiba que os homens mortos teriam me perdoado. Mas minha própria voz, tal como soou naquela noite, ressoará em meus ouvidos com amarga reprovação e vergonha até que eu morra”.

Da morte heroica em Chicago, surgiu uma vida heroica, uma vida consagrada às ideias pelas quais esses homens foram condenados à morte. Desde aquele dia até o seu fim, Voltairine usou sua poderosa caneta e seu grande domínio da palavra em favor do ideal que passou a significar para ela a única razão de sua vida.

Voltairine de Cleyre era extraordinariamente dotada: como poeta, escritora, conferencista e linguista. Poderia

ter alcançado facilmente uma alta posição em seu país e a fama que isso implica Mas ela não era dessas pessoas que vendem seu talento em troca de uma vida de luxo. Sequer aceitava as mais simples comodidades para realizar suas atividades nos diversos movimentos sociais aos quais se dedicou. Insistiu em organizar sua vida de maneira coerente com suas ideias, em viver entre as pessoas que procurava ensinar e inspirar com valor humano, com um anseio apaixonado pela liberdade e com força para lutar por ela. Esta revolucionária vestal vivia como a mais pobre entre os pobres, em um ambiente triste e miserável, sobrecarregando seu corpo até o limite, ignorando o exterior, sustentada apenas pela Ideia Dominante que a conduzia.

Como professora de idiomas nos guetos da Filadélfia, de Nova York e de Chicago, Voltairine teve uma existência muito pobre e, apesar de sua baixa renda, sustentou sua mãe, conseguiu comprar um piano a prazo (amava a música apaixonadamente e foi uma artista de não pouca medida) e ajudou outras pessoas mais capazes do que ela fisicamente. Como fez isso, nem seus amigos mais próximos souberam explicar. Ninguém pode desvendar o milagre da energia que, apesar de seu estado debilitado e de uma constante tortura física, lhe permitia dar aulas por quatorze horas, sete dias por semana; contribuir com inúmeras revistas e jornais; escrever poesia e ensaios; preparar e dar conferências que, por sua lucidez e beleza, eram obras-primas. Uma breve viagem para a Inglaterra e a Escócia em 1897 foi o único alívio de seu trabalho cotidiano. É certo que ela não poderia ter sobrevivido a semelhante calvário, durante tantos anos, senão pela Ideia Dominante que manteve firme sua persistente vontade.

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

Em 1902, um jovem demente que havia sido aluno de Voltairine e que, de algum modo elaborou a peculiar e aberrante ideia de que ela era antissemita (logo ela, que havia dedicado a maior parte de sua vida à educação dos judeus!), preparou uma cilada quando ela voltava de uma aula de música. Quando ela se aproximou, sem se dar conta do perigo iminente, ele disparou vários tiros contra ela. A vida de Voltairine salvou-se, mas os efeitos do choque e das feridas marcaram o início de um assustador purgatório físico. Viu-se afetada por um ruído enlouquecedor e constante nos ouvidos. Costumava dizer que os ruídos mais horríveis de Nova York eram harmonia em comparação aos golpes ensurdecedores em seus ouvidos. Aconselhada por seus médicos de que um clima diferente poderia ajudá-la, foi para a Noruega. Voltou aparentemente melhor, mas não por muito tempo. A doença levava-a de hospital em hospital, submetendo-a a várias cirurgias, sem alívio. Deve ter sido em algum desses momentos de desespero que Voltairine considerou o suicídio. Entre suas cartas, uma jovem amiga de Chicago encontrou, muito depois de sua morte, uma breve nota escrita na caligrafia de Voltairine, não direcionada a ninguém em específico, contendo a desesperada resolução:

“Esta noite, vou fazer o que sempre quis fazer, caso tivessem surgido as circunstâncias que agora surgiram em minha vida. Só me aflige que, por minha debilidade espiritual, não tenha agido segundo as minhas convicções pessoais há mais tempo, e por ter me permitido ser aconselhada e mal orientada por outros. Eu teria evitado um ano de sofrimento ininterrupto e um fardo aos meus amigos, que, por mais amáveis que tenham sido em suportá-lo, foi inútil.

De acordo com as minhas crenças sobre a vida e seus propósitos, considero que o dever simples de uma pessoa afligida por uma doença incurável é interromper suas agonias. Se algum dos meus médicos tivesse me dito a verdade quando perguntei, poderia ter evitado uma longa e desesperada tragédia. Mas, obedecendo ao que eles chamam 'ética médica', decidiram me prometer o impossível (a recuperação), a fim de me manter no tormento da vida. Tal decisão permite que eles se justifiquem para si mesmos, porque eu considero que mentir é um dos principais crimes da profissão médica.

Que ninguém seja injustamente acusado, desejo que entendam que a minha doença é uma constipação crônica da cabeça, que mortificou meus ouvidos com um ruído incessante durante o ano passado. Não tem nada com o tiroteio, que já faz dois anos, e ninguém é, de modo algum, culpado.

Desejo que o meu corpo seja entregue ao Colégio Hahnemann para ser dissecado; espero que o Doutor H. L. Northrop se encarregue dele. Não quero cerimônias, nem discursos. Morro como vivi, um espírito livre, uma anarquista, que não deve nenhuma lealdade aos governantes, celestiais ou terrenos. Ainda que eu me entristeça pelo trabalho que queria fazer, e que o tempo e a perda da saúde me impediram, alegro-me por não ter vivido uma vida inútil (salvo esta do ano passado) e espero que o trabalho que realizei viva e cresça com a vida de meus alunos, e que eles o passem a outros, assim como eu transmiti o que recebi. Se meus companheiros desejarem fazer algo pela minha memória, deixem que imprimam meus poemas, os manuscritos que estão em posse de N.

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

N.<sup>10</sup>, a quem deixo esta última tarefa de realizar meus poucos desejos.

Meus pensamentos moribundos estão postos na visão de um mundo livre, sem a pobreza e sua dor, elevando-se sempre em direção ao conhecimento mais sublime.

Voltairine de Cleyre”

Não há nenhum indício, em nenhuma parte, do porquê ela não levou a cabo sua intenção, apesar de tão determinada. Sem dúvida, foi outra vez a Ideia Dominante; sua vontade de viver era demasiado forte.

Na nota em que revela sua decisão de acabar com a sua vida, afirma que sua enfermidade não teve nada com o tiroteio que ocorrera dois anos antes. Sua ilimitada compaixão humana a motivou a isentar seu agressor, a pedir aos seus camaradas que reunissem fundos para ajudar o jovem, a rechaçar o “devido processo legal” contra ele. Ela sabia, melhor que os juízes, a causa e o efeito do crime e do castigo. E sabia que, em qualquer caso, o rapaz não era responsável. Porém, o carro da lei seguiu adiante. O agressor foi condenado a sete anos de prisão, onde logo perdeu a cabeça completamente, morrendo no manicômio dois anos depois. A atitude de Voltairine acerca dos delinquentes e sua perspectiva da bárbara futilidade do castigo estão presentes em seu brilhante tratado *Crime e Castigo*<sup>11</sup>. Depois de uma análise penetrante das causas do crime, ela pergunta:

“Alguma vez você viu a chegada do mar? Quando o vento sai rugindo da névoa e um grande trovão brama da água? Já viu como os leões brancos<sup>12</sup> se lançam contra os muros, saltando com fúria espumante, enquanto cheios de raiva golpeiam e se caçam entre as barras negras de sua jaula para devorarem-se um ao outro? E dilaceram de volta? E saltam outra vez? Alguma vez, em meio a tudo isso, você já se perguntou quais gotas de água golpearam a parede? Se alguém pudesse conhecer todos os fatos, até poderia fazer esse cálculo. Mas, quem pode saber? Somente estamos certos de uma coisa: algumas devem golpeá-la.

Essas gotas de água que se atiram e se rompem contra esse ridículo muro são os criminosos. Porque exatamente esses, em particular, não podemos saber; mas alguns tiveram de ser. Não os amaldiçoe; você os amaldiçoou o suficiente ....”

E encerra sua maravilhosa exposição sobre criminologia com esse convite:

“Acabemos com esta ideia selvagem de punição, carente de sabedoria. Trabalhem para liberar o homem da opressão que produz os criminosos, e para o tratamento racional dos doentes.”

Voltairine de Cleyre começou sua carreira política como pacifista e, durante anos, opôs-se severamente aos métodos revolucionários. Mas os acontecimentos na Europa nos últimos anos de sua vida; a Revolução Russa de 1905; o rápido desenvolvimento do capitalismo em seu país, com toda sua crueldade, violência e injustiça; e, particularmente, a Revolução Mexicana, mudaram sua percepção dos métodos. E como sempre, depois de uma

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

luta interior, ela viu a causa da mudança e sua grande natureza a obrigou a admitir livremente o erro e a defender com valentia a nova ideia. Fez isso em seus poderosos ensaios *Ação Direta* e *A Revolução Mexicana*<sup>13</sup>. E fez ainda mais, assumiu com fervor a batalha do povo mexicano que sacudia seu jugo; escreveu, deu conferências, arrecadou fundos para a causa mexicana. Até mesmo perdeu a paciência com alguns companheiros, porque estes só viam nos acontecimentos da fronteira estadunidense uma fase da luta social, e não uma questão profunda à qual todo o resto deveria se subordinar. Eu estava entre essas pessoas mais críticas, assim como *Mother Earth*, a revista que eu publicava. Voltairine me censurou muitas vezes por meu “desperdício” de esforços para chegar à *intelligentzia* norte-americana em vez de consagrar todos os meus esforços aos trabalhadores, como ela o fazia com tanto ardor. Mas, conhecendo sua profunda sinceridade, o cuidado regular que marcava tudo que ela fazia, ninguém se importou com sua reprimenda: seguimos amando-a e admirando-a. Nota-se a profundidade com que ela sentia os males do México pelo fato dela ter começado a estudar espanhol e de planejado ir ao México para viver e trabalhar entre os índios yaquis e se tornar uma força ativa na Revolução. Em 1910, Voltairine se mudou da Filadélfia para Chicago, onde voltou a ensinar os imigrantes, ao mesmo tempo em que lecionava; trabalhava em uma história da chamada “revolta de Haymarket”; traduzia do francês a vida de Louise Michel, a sacerdotisa da piedade e da vingança — como W. T. Stead chamou a anarquista francesa —, e outras obras de escritores estrangeiros relacionadas ao anarquismo. Em constante agonia por sua terrível aflição, sabia muito bem que a doença a levaria à tumba. Mas

suportou a dor estoicamente, sem deixar que seus amigos conhecessem a invasão que a doença estava causando em sua constituição. Lutou pela vida com valentia, com infinita paciência e dores, mas não em vão. A infecção penetrou gradualmente mais a fundo e, finalmente, desenvolveu uma mastoidite que requereu uma cirurgia imediata. Poderia ter se recuperado se o veneno não tivesse se estendido ao cérebro. A primeira operação danificou sua memória, não podia lembrar-se dos nomes, nem mesmo dos amigos mais próximos que a assistiam. Era quase certo que uma segunda operação, se pudesse sobreviver a ela, a teria deixado sem a capacidade de falar. Logo, a Morte sombria tornou desnecessário todo o experimento científico sobre seu tão torturado corpo. Morreu em 6 de junho de 1912. Descansa no cemitério de Waldheim, próxima do túmulo dos anarquistas de Chicago, e a cada ano, um número grande de pessoas viaja até lá para prestar homenagens à memória dos primeiros mártires anarquistas da América, e recordam carinhosamente de Voltairine de Cleyre.

Os fatos físicos crus da vida desta mulher única não são difíceis de registrar. No entanto, não são suficientes para esclarecer os traços que se combinavam em seu caráter, as contradições de sua alma, as tragédias emocionais de sua vida. Pois, diferentemente de outros grandes rebeldes sociais, a atuação pública de Voltairine não foi muito rica em eventos. É certo que ela teve alguns conflitos com os poderes, que foi expulsa das tribunas pela força em várias ocasiões, presa e julgada em outras, mas nunca condenada. Em geral, suas atividades se mantiveram relativamente sem problemas e sem perturbações. Suas lutas eram de natureza psicológica, suas amargas decepções tinham raiz em seu próprio ser estranho. Para entender a tragédia

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

de sua vida, alguém deve tratar de rastrear suas causas inerentes. Voltairine mesma nos deu a chave de sua natureza e conflitos internos em muitos de seus ensaios e, especificamente, em seus esboços autobiográficos. Em *The Making of an Anarchist* aprendemos, por exemplo, que se ela tentasse explicar seu anarquismo pela via ancestral da rebelião, ela seria, ainda que no fundo suas convicções fossem temperamentais, “um erro desconcertante na lógica; pois pelas primeiras influências e educação, eu devia ter sido uma freira e passado minha vida glorificando a Autoridade em sua forma mais concentrada”.

Não há dúvida de que os anos no convento não só sufocaram seu físico, mas também tiveram um efeito duradouro sobre seu espírito; mataram nela os motivos para a alegria e o deleite. Todavia, ela devia ter uma tendência inerente ao ascetismo, porque inclusive os quatro anos vivendo em uma tumba não poderiam ter posto uma mão tão esmagadora em sua vida inteira. Toda a sua natureza era de uma asceta. Seu enfoque da vida e dos ideais era o dos santos de outrora, que flagelavam seus corpos e torturavam suas almas para a glória de Deus. Figurativamente falando, Voltairine também se flagelou, como uma penitência por nossos pecados sociais; cobria seu corpo com roupas desajeitadas e se negava até mesmo às alegrias mais simples, não só por falta de meios, mas porque fazer o contrário era ir contra seus princípios.

É claro que todo movimento social e ético teve seus ascetas, a diferença entre eles e Voltairine é que não adoravam a outros deuses e não tinham necessidade de nenhum, com exceção de seu ideal particular. Não foi assim para Voltairine. Junto a toda sua devoção aos seus ideais sociais, ela tinha outro deus: o deus da Beleza. Sua vida era uma luta incessante entre os dois: a asceta sufocava com

determinação sua ânsia pela beleza, mas a poeta que nela havia almejava-a com determinação, adorando-a em total abandono, só para ser arrastada pela asceta até a outra deidade: seu ideal social, sua devoção à humanidade. Não teve oportunidade de combinar os dois, daí a dilacerante luta interna.

A natureza foi muito generosa com Voltairine, dotando-a de uma mente singular brilhante, com uma alma rica e sensível. Mas lhe foi negada a beleza física e a atração feminina, cuja falta se fez mais evidente pela má saúde e sua aversão ao artifício. Ninguém o sentia mais do que ela mesma. Da angústia por sua falta de encanto físico, fala em seu esboço autobiográfico *A recompensa de uma apóstata*<sup>14</sup>:

“Oh, que meu deus não quer nada de mim! Esta é uma dor antiga! Meu deus era a Beleza e eu sou grotesca, e sempre o fui. Não há graça nesses meus membros rígidos, nem nunca houve. Eu, para quem a glória de um olho brilhante era como o esplendor das estrelas em um poço profundo, só tenho olhos apagados e descoloridos, e sempre o foram; o lábio e o queixo acinzentados sobre os quais corre o esplendor da vida em flashes de luz borbulhantes, a taça de vinho vivo, nunca foi minha para provar ou beijar. Sou da cor da terra e por minha própria feiura, sento-me nas sombras, que a luz do sol não me veja, nem o amado de meu deus. Mas, uma vez, no meu cantinho oculto, atrás de uma cortina de sombras, eu pisquei diante da glória do mundo, e tive a alegria que só os feios conhecem, sentados em silêncio e adorando, esquecendo-se e esquecidos. Aqui brilhava sobre meu cérebro o esplendor do sol moribundo sobre a costa, a longa faixa entre a areia e o mar, onde a espuma deslizante se incendiou e se queimou até morrer...

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

Aqui, em meu cérebro, meu silencioso e oculto cérebro, estavam os olhos que eu amava, os lábios que não me atrevia a beijar, a cabeça esculpida e o cabelo solto. Estavam sempre aqui, na minha casa das maravilhas, minha casa da Beleza. O templo de meu deus. Fechei a porta da vida comum e adorei aqui. E nenhuma coisa brilhante, viva e voadora, em cujo corpo mora a beleza como uma hóspede, pode adivinhar o gozo extasiado de uma criatura marrom, silenciosa, uma coisa-sapo, agachada no solo sombrio, suprimida, imóvel, comovida pela presença de Toda a Beleza, ainda que não tome parte nela.”

A isso se complementa uma descrição de seu outro deus, o deus da força física, o realizador e destruidor das coisas, o que remodela o mundo. Agora ela o seguia e corria junto porque o amava assim:

“Não com esse êxtase de alegria (inundação) com que meu próprio deus me encheu de velhice, senão com impetuosos e desejantes fogos, que ardiam e golpeavam todos meus fios de sangue. ‘Te amo, ama-me outra vez’, gritei e havia me jogado em seu pescoço. Logo se voltou a mim com um golpe impiedoso, e fugiu pelo mundo, deixando-me aleijada, ferida, impotente, com uma dor feroz que me atravessava as veias, rajadas de dor! E voltei para minha antiga caverna, tropeçando, cega e surda, apenas pela visão atormentadora de minha vergonha e pelo ruído do sangue febril”.

Fiz citações extensas porque este esboço é simbólico das tragédias emocionais de Voltairine, e singularmente autorrevelador das lutas silenciosamente travadas contra o destino que lhe dava tão pouco do que ela mais ansiava. Embora tivesse seu próprio encanto peculiar, que se mostrava

muito mais agradável quando ela era despertada por algo errado ou quando seu rosto pálido se iluminava com o fogo interior de seu ideal. Mas os homens que entraram em sua vida raramente o notaram, estavam demasiado intimidados por sua superioridade intelectual, que os mantinha por um tempo. Porém, sua alma faminta ansiava por mais do que uma mera admiração, que os homens não tinham nem a capacidade, nem a graça de dar. Cada um à sua maneira, “se voltou contra ela com um golpe impiedoso” e a deixou desolada, solitária, com fome de afeto.

A derrota emocional de Voltairine não é um caso excepcional; é a tragédia de muitas mulheres intelectuais. A atração física sempre foi, e sem dúvidas sempre será, um fator decisivo na vida amorosa de duas pessoas. A relação sexual entre os povos modernos certamente perdeu grande parte de sua grosseria e vulgaridade anteriores. No entanto, segue um fato hoje, como tem sido durante séculos, que os homens se sentem atraídos, principalmente, não pelo cérebro de uma mulher ou por seus talentos, mas por seu encanto físico. Isso não significa, necessariamente, que prefiram que a mulher seja estúpida. Significa, todavia, que a maioria dos homens prefere a beleza ao cérebro, talvez porque à maneira típica masculina, os homens se adulam a si mesmos dizendo que não necessitam de beleza no que se refere à sua condição física, e que tem cérebro suficiente para não ter que buscá-lo em suas esposas. Em todo caso, tem sido a tragédia de muitas mulheres intelectuais.

Houve um homem na vida de Voltairine que a quis pela beleza de seu espírito e pela qualidade de sua mente, e que seguiu como uma força vital na vida dela até o seu próprio triste fim. Este homem era Dyer D. Lum, o camarada de Albert Parsons e seu coeditor em *The Alarm* — o periódico

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

anarquista publicado em Chicago antes da morte de Parsons. Sabemos o quanto sua amizade significou para Voltairine por sua bela homenagem a Dyer D. Lum em seu poema *In Memoriam*<sup>15</sup>, do qual cito a última estrofe:

“Oh, vida, te amo pelo amor

De quem me mostrou toda a sua glória e sua dor!

‘Até o Nirvana’ — assim cantam os tons profundos —  
e ali — e-ali-seremos-um-novamente.”

Medida pela régua comum, Voltairine de Cleyre era tudo menos normal em seus sentimentos e reações. Afortunadamente, os grandes do mundo não podem ser avaliados em números e escalas; seu valor encontra-se no significado e no propósito que dão à existência, e Voltairine sem dúvida enriqueceu a vida com significado e nos deu como propósito o sublime idealismo. E ainda, como estudo das complexidades humanas, oferece um rico material. A mulher que se consagrou a serviço dos clandestinos; que realmente experimentou uma agonia aguda ante a visão do sofrimento, das crianças e dos animais (estava obcecada pelo amor a estes últimos e dava refúgio e alimento a cada gato e cachorro de rua, inclusive ao ponto de romper com uma amiga, porque ela se opunha que os gatos invadissem todos os cantos da casa); a mulher que amava sua mãe com devoção, mantendo-a às custas de suas próprias necessidades; esta companheira generosa, cujo coração se abria a todos os que sentiam dor ou tristeza, estava quase completamente carente de instinto materno. Talvez nunca tenha tido a oportunidade de afirmar-se em uma atmosfera de liberdade e harmonia. O único menino que trouxe ao mundo não fora desejado. Voltairine esteve doente de morte

durante toda a gravidez: o nascimento de seu filho quase lhe custou a vida. Sua situação se agravou pela ruptura que se produziu neste momento em sua relação com o pai do menino. O sufocante ambiente puritano em que viviam os dois não serviu para melhorar as coisas. Tudo isso abriu espaço para que o pequeno mudasse frequentemente de um lugar a outro e que, mais tarde, o pai o usaria inclusive como arma para obrigar que ela voltasse com ele. Mais tarde, privada da oportunidade de ver seu filho, ignorando até mesmo seu paradeiro, pouco a pouco dele se afastou. Passaram-se muitos anos antes que ela voltasse a ver o garoto que tinha então dezessete anos. Seus esforços para melhorar sua educação muito negligenciada fracassaram. Eles eram estranhos um para o outro. Naturalmente, talvez, seu filho do sexo masculino se sentisse como a maioria dos homens em sua vida; ele também foi dominado por seu intelecto, repellido por seu modo de vida austero. Ele seguiu o seu caminho. Hoje, provavelmente, é um dos 100% americanos<sup>16</sup>: banal e enfadonho

Porém, Voltairine amava a juventude e a entendia como poucos adultos. Precisamente, escreveu a um jovem amigo surdo, com quem era difícil conversar oralmente:

“Porque você diz que se afasta, cada vez mais, dos seres queridos? Não creio que tua experiência a este respeito se deva a tua surdez, mas à vida que te inunda. Todas as criaturas jovens sentem que chega o momento em que uma nova onda de vida os supera, os conduz adiante, não sabem para onde. E perdem o suporte do berço da vida, e o amor dos pais, e quase se afogam nas forças que lhes pressionam. Também os que ouvem, sentem-se confusos, inquietos, em busca de algo definitivo por vir.

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

Parece-te que é a tua surdez, mas mesmo que isso seja uma coisa terrível, você não deve pensar que resolveria o problema da solidão se pudesse ouvir. Sei como a tua alma deve lutar contra a inevitabilidade de tua privação; eu tampouco poderia estar satisfeita e me resignar ao ‘inevitável’. Eu também lutei quando era inútil e não havia esperança. Mas a causa principal da solidão é, como te digo, a onda da vida, que com o tempo encontrará sua própria expressão.”

Ela conhecia bem a “onda da vida” e a tragédia da busca em vão por uma saída, a primeira havia sido suprimida por tanto tempo em Voltairine que raras vezes ela pôde se dar rédeas soltas, salvo em seus escritos. Temia a “companhia” e as multidões, ainda que se sentisse em casa na tribuna; a proximidade reduzida. Sua reserva e seu isolamento, sua incapacidade para romper o muro erguido durante anos de silêncio no convento e os anos de enfermidade, revelam-se em uma carta ao jovem com quem se correspondia:

“A maior parte do tempo, eu me esquivo das pessoas e evito falar — especialmente evito falar. Com exceção de uns poucos — muito poucos —, odeio me sentar na companhia das pessoas. Você vê que (por uma série de razões que não posso explicar a ninguém) tive que ir para longe dos amigos e de casa, onde vivi por vinte anos. E não importa o quão boas sejam as outras pessoas para mim, nunca me sinto em casa, em lugar nenhum. Sinto-me como uma criatura perdida ou errante, que não tem um lugar, e não encontro nenhuma razão para ficar em casa. E por isso não falo muito contigo nem com outros (exceto um ou dois que conheci no Leste). Sempre estou distante. Não posso ajudar. Sou velha demais para aprender o gosto por novos espaços. Inclusive em casa,

nunca falava muito, só com uma ou duas pessoas. Sinto muito. Não é que eu queira ser sombria, mas não posso suportar a companhia. Não notou que eu nunca gosto de me sentar à mesa quando há estranhos? E piora com o tempo. Não se preocupe.”

Somente em raras ocasiões Voltairine pôde se comunicar livremente, oferecer sua rica alma àqueles que a amavam e a entendiam. Era uma observadora afiada da espécie humana e de seus caminhos, detectando rapidamente as farsas e capaz de separar o joio do trigo. Nestas ocasiões, seus comentários eram cheios de perspicácia, mesclados com um humor tranquilo e vibrante. Costumava contar uma anedota interessante sobre alguns detetives que foram prendê-la. Foi em 1907, na Filadélfia, quando os guardiões da lei chegaram a sua casa. Surpreenderam-se muito ao descobrir que Voltairine não se parecia com um anarquista tradicional de periódico. Pareciam arrependidos de prendê-la, mas eram “suas ordens”, desculparam-se. Fizeram uma busca em seu apartamento, dispersando seus papéis e livros e, finalmente, descobriram uma cópia de seus poemas revolucionários intitulada *The Worm Turns*<sup>17</sup>. Jogaram-no de lado com desprezo, comentando: “Que inferno! Isso é apenas sobre vermes.”

Foram raros os momentos em que pôde superar sua timidez e sua reserva, e sentir-se realmente em casa, com uns poucos amigos escolhidos. Normalmente, sua disposição natural, agravada pela constante dor física e pelo ruído ensurdecedor em seus ouvidos, faziam-na taciturna e extremamente pouco comunicativa. Era sombria, os pesadelos do mundo pesavam sobre ela. Viu a vida, principalmente, em preto e cinza e assim a pintou. Foi isso o que a impediu de se tornar uma das maiores escritoras de seu tempo.

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

Mas ninguém que possa apreciar a qualidade literária e a prosa musical negará a grandeza de Voltairine de Cleyre depois de ler as histórias e os esboços já mencionados, e os contidos na seleção de suas obras<sup>18</sup>. Em particular, *Chain Gang*, retratando os condenados negros escravizados nas estradas do sul, que pela beleza do estilo, sentimento e poder descritivo, é uma joia literária que tem poucos equivalentes na literatura inglesa. Seus ensaios são mais contundentes, de extrema clareza de pensamento e expressão original. E inclusive seus poemas, ainda que um pouco antiquados na forma, têm um alcance maior do que muito do que agora se passa por poesia.

Contudo, ela não acreditava na “arte pela arte”. Para ela, a arte era o meio e o veículo para expressar a vida em seu fluxo e refluxo, em todos os seus aspectos duros para quem trabalha e sofre, para quem sonha com a liberdade e dedica sua vida a alcançá-la. Ainda mais significativa do que sua arte era a própria vida de Voltairine de Cleyre, um heroísmo supremo movido e instigado pela sempre presente Ideia Dominante.

O profeta é um estranho em sua própria terra. O mais estranho é o profeta norte-americano. Pergunte a qualquer um dos 100% americanos sobre o que sabe dos verdadeiros grandes homens e mulheres de seu país, as almas superiores que dão inspiração e beleza à vida, os que propagam novos valores. Não poderá nomeá-los. Como, então, poderia conhecer o maravilhoso espírito que nasceu em alguma cidade obscura do estado do Michigan e que viveu na pobreza toda sua vida, mas que por pura força de vontade, saiu de uma tumba viva, liberou sua mente da obscuridade da superstição, voltou seu rosto para o sol, percebeu um grande ideal e o levou com determinação a todos os cantos de sua terra natal? Os

100% se sentem mais cômodos quando não há ninguém que perturbe sua monotonia. Mas os poucos que também têm almas doloridas, que almejam amplitude e visão, necessitam conhecer Voltairine de Cleyre. Necessitam saber que o solo norte-americano, às vezes, produz plantas requintadas. Tal conhecimento será alentador. Para esses eu escrevi este esboço, para esses que Voltairine de Cleyre, cujo corpo está em Waldheim, está sendo ressuscitado espiritualmente, por assim dizer, como a poeta-rebelde, a artista amante da liberdade, a maior mulher-anarquista da América do Norte. Porém, mais ilustrativa do que qualquer descrição minha, são as suas próprias palavras no capítulo final de *The Making of an Anarchist*, que expressam a verdadeira personalidade de Voltairine de Cleyre:

"Os bons satiristas frequentemente comentam que 'a melhor maneira de curar um anarquista é dar-lhe uma fortuna'. Substituindo 'cura' por 'corromper', eu subscreveria; acreditando que não sou melhor do que o resto dos mortais, espero sinceramente que meu trabalho siga como agora, trabalho duro e sem riqueza, para continuar até o fim; para que eu mantenha a integridade de minha alma, com todas as limitações de minhas condições materiais, em vez de me converter em uma criação sem tutano e sem ideal resultante das necessidades materiais. Minha recompensa é viver com os jovens, sigo o passo de meus companheiros; morrerei trabalhando, com meu rosto virado para o Leste — o Oriente e a Luz".

Tradução do espanhol por Flávia Lucchesi. Revisão técnica por Beatriz Scigliano Carneiro.

voltairine de cleyre: escrito em vermelho

## Notas

<sup>1</sup> Publicado originalmente por *The Oriole Press*, Berkeley Heights, Nova Jersey, 1932. Extraído de *The Anarchist Library*, que o recuperou do site [sunsite.berkeley.edu](http://sunsite.berkeley.edu). Traduzido do inglês para o espanhol por Concetta, de *Anarquismo em PDF*. O título “escrito em vermelho” é uma referência ao último poema de Voltairine de Cleyre.

<sup>2</sup> Tradução do significado do nome Filadélfia de etimologia grega. (N.E.)

<sup>3</sup> O título da conferência é *In Defense of Emma Goldman and the right of expropriation* (1894) Conferência realizada em Nova York, em 16 de dezembro de 1893. Disponível em: [http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist\\_archives/bright/cleyre/indefenseofeg.html](http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/bright/cleyre/indefenseofeg.html).

<sup>4</sup> “The Dominant Idea” (*Mother Earth*, 1910) Nova York, Mother Earth Publishing Association, 1910. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-the-dominant-idea>.

<sup>5</sup> “The Sorrows of the Body” in *Selected Works of Voltairine de Cleyre*, New York, Mother Earth Pub. Association, 1914, pp. 451-453. Disponível em: <https://archive.org/details/selectedworksofv00declrich>].

<sup>6</sup> Uma rede de rotas de fuga nos Estados Unidos para os escravos africanos, que os levava do Sul para o Norte e até para o Canadá, conhecida como *underground railroad*, existiu desde o século XVIII até a abolição. (N.E.)

<sup>7</sup> “The Burial of my Past self” (1885) Idem, p. 17.

<sup>8</sup> Data da execução na forca dos anarquistas considerados líderes da manifestação de operários em Haymarket Square, Chicago, em maio de 1886, que reivindicava a redução da jornada de trabalho entre outras temas. Houve confronto com a polícia, o que resultou na morte de manifestantes e policiais. A manifestação de Chicago originou o Dia Internacional dos Trabalhadores, comemorado no planeta em 1º de maio. (N.E.)

<sup>9</sup> Lingg não foi executado junto com os demais pois se suicidara na véspera. (N.E.)

<sup>10</sup> Natasha Notkin, emigrada russa, ativista, farmacêutica e amiga próxima de Voltairine, organizou, junto com outros, o grupo “Amigos de Voltairine de Cleyre” para ajudá-la a pagar os gastos médicos.

<sup>11</sup> “Crime and Punishment” (1903) 1941, op. cit., pp. 173-204.

<sup>12</sup> Referência poética às ondas agitadas (Nota da Tradução espanhola).

<sup>13</sup> “Direct Action” (*Mother Earth*, 1912) Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-direct-action>]; “The Mexican Revolution” (*Mother Earth*, 1911-1912) Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-the-mexican-revolution>.

<sup>14</sup> “The Reward of an Apostate” (1912) 1914, op. cit., pp. 433-436.

<sup>15</sup> “In Memoriam” (9 de abril de 1893) Idem, p. 58.

<sup>16</sup> 100% americano, expressão usada especialmente no fim do século XIX e começo do XX, quanto ao estadunidense ‘médio’: branco e nacionalista, que se considera maioria nos EUA

<sup>17</sup> “The Worm Turns” (1900) Disponível em: [http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist\\_archives/bright/cleyre/worm.html](http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/bright/cleyre/worm.html).

<sup>18</sup> *Selected Works by Voltairine de Cleyre*, editado por Alexander Berkman e publicado pela *Mother Earth Publishing Association*, Nova York, 1914.

### *Resumo*

*O ensaio de Emma Goldman apresenta a existência e o percurso ético-estético da anarquista Voltairine de Cleyre.*

*Palavras-chave: Anarquismos, militantismo, Voltairine de Cleyre.*

### *Abstract*

*Emma Goldman's essay presents the existence and ethical-aesthetical pathway of the anarchist Voltairine de Cleyre.*

*Keywords: Anarchism, militantism, Voltairine de Cleyre.*